

O CULTO AO MENINO JESUS A PARTIR DO SANTUÁRIO MARIANO (1707-1723): IMAGENS E DEVOÇÕES

TIAGO MOITA*

Resumo: *O culto ao Menino Jesus difundiu-se desde Itália por todo o ocidente europeu apoiado pelo movimento franciscano na sua devoção ao presépio. O incremento maior a esta devoção ocorreu no período da chamada Contrarreforma, desenvolvendo-se, sobretudo, no interior dos conventos femininos, com o correspondente hábito de vestir as imagens e as adornar, e daí passando para os altares das igrejas paroquiais, santuários de peregrinação e oratórios domésticos. O estudo que aqui desenvolvemos recolhe e analisa as referências a este culto a partir da obra Santuário Mariano (1707-1723) de Fr. Agostinho de Santa Maria, respigando notícias sobre as imagens que mais se destacaram (quase sempre pelo seu caráter dito milagroso) e as práticas devocionais que geraram.*

Palavras-chave: *Menino Jesus; Imagem; Imagem Vivente; Milagres; Práticas devocionais.*

Abstract: *The cult of the Infant Jesus spread from Italy to the whole of Western Europe, mostly supported by the Franciscan movement and their devotion to the Nativity scene. The height of this devotion took place in the period of the Counter-Reformation, mostly in female convents, and included the custom of dressing and adorning the images, and then displaying them on the altars of parish churches, shrines of pilgrimage, or domestic oratories. This paper collects and studies the references to this cult in the work Santuário Mariano (1707-1723) by Fr. Agostinho de Santa Maria. It highlights the most notable images of the Holy Child referenced in this text due to their supposed miraculous attributes, as well as the accounts of the devotional practices surrounding them.*

Keywords: *Infant Jesus; Image; Living Image; Miracles; Devotional practices.*

INTRODUÇÃO

Principiemos por considerar o título que Fr. Agostinho de Santa Maria, OSA, dedica no seu *Santuário Mariano* à imagem de Nossa Senhora do Rosário, venerada na cidade de Santiago, em Cabo Verde¹. Depois de descrever a imagem, o autor identifica várias das personalidades eclesíásticas que cultivaram especial devoção para com esta Senhora, recordando também o testemunho de madre sóror Maria do Baptista, clarissa professa no Mosteiro de São Gonçalo de Angra do Heroísmo, mas originária daquela cidade africana. Em relação a esta religiosa, invoca a sua fortíssima piedade mariana, alimentada pela recitação do rosário, da qual «nasciam os grandes rios de virtude, & santidade, com que [a religiosa] resplandece, desde os seus primeyros annos [de vida]». Enraizada nesta devoção,

* Artis — Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Email: tunidade@gmail.com.

1 SANTA MARIA, 1723: X, 400-403.

foi recompensada com a visão da Santa Virgem na hora da morte, que lhe apareceu «em hum muyto ameno rosal, & com ambas as mãos ocupadas, em hua trazia ao Infante Jesus, e na outra a Christo Crucificado: a qual lhe disse estas palavras: Maria vivo, & morto, sempre este Senhor he teu Esposo».

O episódio que acabámos de evocar — que Fr. Agostinho recolhe do *Agiológio Lusitano* de Jorge Cardoso² — é particularmente significativo para o tema deste artigo. Na sua candura, revela a existência de um nexó indissolúvel constituído entre a veneração à Virgem Maria e a devoção à humanidade de Cristo, a qual se foi materializando, ao longo dos tempos, no culto à Infância de Jesus e à sua Paixão. Embora toda a imagem de Cristo no curso da sua vida terrestre constitua uma referência ao mistério da sua Encarnação, como ensinava André Grabar³, aquela que melhor expressa a Infância de Jesus é, sem dúvida, a sua representação enquanto criança; a Paixão de Cristo, por seu lado, é figurada pelo Crucificado, cuja morte veio a comprovar, segundo a teologia, a Encarnação completa do Filho de Deus.

O presente estudo circunscreve a sua análise às imagens e ao culto ao Menino Jesus. Para o efeito, seguiremos como principal fonte de investigação a vasta obra (em 10 volumes) de Fr. Agostinho de Santa Maria, o *Santuário Mariano*, publicado entre 1707 e 1723⁴. Embora consagrada às histórias das imagens milagrosas presentes nas igrejas, capelas e ermidas sob invocação mariana existentes no continente, ilhas e ultramar, a obra deste monge agostinho apresenta um conjunto de informações essenciais sobre esta e outras devoções em voga no seu tempo, que importa considerar para uma melhor compreensão do fenómeno religioso na cronologia referida, bem como desta obra na sua globalidade.

Depois de enquadrarmos teológica e espiritualmente a devoção ao Menino Jesus em termos gerais, seguiremos com a recolha e a análise das referências a este culto identificadas na obra de Fr. Agostinho, respigando notícias sobre as imagens infantis de Jesus que mais se destacaram (quase sempre pelo seu carácter dito milagroso) e as práticas devocionais que geraram.

1. TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

Na notícia sobre a imagem de Nossa Senhora de Bettencourt, venerada na Catedral de Lisboa, Fr. Agostinho de Santa Maria descreve a vida de Briolanja Vogada († 1623), religiosa da Ordem Terceira de São Francisco, muito devota desta

² CARDOSO, 1657: II, 502-503.

³ GRABAR, 2009: 224.

⁴ Sobre Fr. Agostinho de Santa Maria e a obra *Santuário Mariano*, vejam-se, especialmente, os seguintes estudos: AZEVEDO, 2021; FERNANDES, 2018; MOITA, 2022; PINHARANDA GOMES, 2006.

Senhora e do Menino que está em seus braços⁵. De acordo com a narrativa, tanto a Virgem como o Menino apareciam-lhe frequentemente em visões e «a animação, fortaleciação, & armavação contra os combates dos inimigos, q[ue] muyto a perseguição, & maltratavação», e «a encaminharação na perfeição das virtudes». O fervor e o afeto desta religiosa por Jesus Menino traduziam-se na oração de várias jaculatórias a ele dirigidas com muita constância: «Todas as jaculatórias desta serva de Deos se dirigiação à Imagem do Menino Jesus, & elle a regalava tambem obrigado dos seus requebros. Que se paga muyto este Divino Esposo das Almas, que com verdadeiro coração o buscação, & amam».

Partindo deste texto hagiográfico é possível verificar que a devoção a Jesus, representado como criança, com raízes nos «evangelhos da infância» e enriquecida com histórias apócrifas, foi crescendo e se desenvolvendo, sobretudo, em íntima relação com a veneração à Virgem sua Mãe e às suas imagens. Com efeito, as mais antigas representações de Maria refletem a presença do Menino, sentado no seu regaço ou apoiado no seu braço, como apoteose da maternidade divina a apresentar o Filho à humanidade⁶. Nas imagens de Maria de pé, com o Menino no braço, indicando-o aos fiéis como o caminho a seguir (*Panagía Odigitria*), ou a amamentar o Filho (*Panagía Galaktotrophousa*), ou mesmo a acariciá-lo (*Glykophilousa*), a figura da Virgem é desde o início a única forma de representar a Jesus na sua condição de homem nascido de uma mulher de carne e osso. Nas palavras de Hans Belting, «El icono de María surgió en primer lugar a causa del Niño, pues no había ninguna otra posibilidad de representar a Dios hecho hombre que presentándolo como niño y poniéndolo en los brazos de una madre humana»⁷. Por conseguinte, mostrar Jesus Infante nos braços da Progenitora significava que ele se tinha feito plenamente homem para trazer a salvação à humanidade.

A piedade medieval aprofundou a atração pela humanidade de Cristo. O contributo das ordens religiosas, sobretudo das ordens mendicantes, para a disseminação da devoção a Cristo Menino é sobejamente conhecido. Diversos escritores e santos, entre os quais o mais célebre foi São Bernardo, deixaram-se fascinar pelos mistérios da Infância de Jesus. Também os místicos, influenciados pelos sermões dos pregadores, tornaram-se sensíveis à figura do Menino Deus, que contemplaram em suas visões⁸. Para todos, considerar o Cristo Menino era visualizá-lo na plenitude da sua humanidade, tendência que se acentuará com São Francisco de Assis e a sua predileção pelo mistério da Natividade⁹. Associada a

⁵ SANTA MARIA, 1707: I, 135-136.

⁶ AZEVEDO, 2021: 33-34.

⁷ BELTING, 2009: 83.

⁸ LA ROCCA, 2007: 34.

⁹ LA ROCCA, 2007: 38.

esta devoção à Infância de Cristo, desenvolveu-se gradualmente o tema da infância espiritual como doutrina.

No período medieval, a devoção ao Menino Jesus aprofunda-se, também, numa relação muito estreita com o culto eucarístico¹⁰. Os livros litúrgicos recomendam expressamente aos fiéis a visualização do Menino Jesus na Hóstia consagrada. Enquanto prolongamento da Encarnação, esta tornava presente, mediante a invocação do mesmo espírito que desceu sobre Maria na Anunciação, o Verbo que se fez carne no Menino de Belém. Por isso, o Menino Jesus, nascido em Belém (= «casa do pão»), encarnava simbolicamente no pão consagrado, dando-se em alimento aos homens. É neste enquadramento que se compreende o gesto de São Francisco de Assis, na noite de Natal de 1223, em Greccio, de compor uma manjedoura no interior de uma gruta e colocar por cima dela um altar sobre o qual se celebrou a eucaristia do Natal.

Datam do século XIV as primeiras imagens autónomas do Menino Jesus, iconograficamente desligadas do contexto materno inicial¹¹. Em Portugal são ligeiramente mais tardias as primeiras referências a imagens isentas do Menino Jesus em igrejas e oratórios, datando de inícios do século XVI a mais antiga notícia que se conhece, quando se refere a presença de uma imagem do Menino Deus na Igreja de São João de Alcochete¹².

No decurso do século XVI a presença de imagens do Menino Jesus em altares e oratórios tornou-se muito comum. Neste período, a devoção ao Divino Infante foi fortemente alimentada por místicos e fundadores de ordens religiosas, sobretudo durante a Reforma Católica, como Santa Teresa de Ávila ou Santo Inácio de Loiola¹³. A grande variedade de composições iconográficas do Menino Jesus desenvolveu-se também com maior intensidade neste período. Dentre essas várias iconografias podemos citar: Menino Jesus com caminha; Menino Jesus dormindo sobre a cruz (ou premonição da Paixão); Menino Jesus com instrumentos da Paixão; Menino Jesus Romeiro; Menino Jesus Carpinteiro; Menino Jesus Presbítero; Menino Jesus Crucificado; Menino Jesus Salvador do Mundo.

Embora encontremos ecos do culto da Infância nos mosteiros cistercienses femininos e nos conventos franciscanos ao longo da Idade Média, esta devoção conhecerá uma grande dinamização na maior parte dos meios monásticos e conventuais femininos no curso dos séculos XVII e XVIII, onde a confeção de enxovais para ornar as imagens do Menino Jesus constituía uma prática comum¹⁴.

¹⁰ LA ROCCA, 2007: 107-125.

¹¹ LA ROCCA, 2007: 43-44.

¹² MARQUES, 2000: 616.

¹³ DOLZ, 2010.

¹⁴ MENDES, 2018: 96. Sobre a prática de vestir as imagens do Menino Jesus em Portugal entre os séculos XVI e XVIII, *vide* FORTUNA, 1982; GONÇALVES, 1967.

Esta devoção era alimentada pela leitura de narrativas hagiológicas, que difundiam modelos de santidade que passavam por uma particular ou privilegiada intimidade com o Menino Jesus; pela poesia religiosa, onde o tema das lágrimas do Menino Deus revelava grande vitalidade¹⁵; pelos livros devocionais e emblemáticos, que representavam o Amor Divino na forma do Menino Jesus e auxiliavam na preparação para a confissão e a comunhão¹⁶; ou pela atribuição de variadíssimos milagres à influência de determinadas imagens do Deus Menino.

Não obstante alguns autores terem associado as imagens infantis de Jesus e a sua presença nos conventos femininos a uma espécie de alternativa encontrada pelas religiosas para expressarem uma afeição maternal, cuja concretização, devido à clausura, lhes era impossível, outros investigadores sublinham a profunda relação desta devoção com a essência da vida contemplativa, onde o culto ao Menino formava parte de um conjunto de tradições baseadas tanto na liturgia cristã (sobretudo, no Advento e no Natal) como na piedade intimista¹⁷. Com efeito, as imagens do Menino Jesus e as práticas devocionais com elas associadas revelavam-se dotadas de um forte sentido espiritual, que associava as virtudes da Infância de Cristo com as formas de vida contemplativa¹⁸.

Não há dúvida que a espiritualidade da Infância, que tem a sua fonte nos Evangelhos Canónicos, articulando as noções de humildade, de confiança, de candura, de simplicidade e de abandono, encontrou na devoção ao Menino Jesus o seu modelo por excelência. O caso de Santa Teresa do Menino Jesus, já no fim do século XIX, é paradigmático a este propósito, encarnando esta religiosa a espiritualidade da infância e colocando-a em relação com a devoção a Jesus Menino, simbolicamente materializado nas imagens dos Divinos Infantes.

Importa referir, por fim, na esteira de Mario Praz, que o desenvolvimento do culto do Menino Jesus estará também relacionado com a representação do Amor Divino no século XVII, bem patente em obras devocionais e emblemáticas de ampla circulação como os *Pia Desideria* (1624) de Herman Hugo ou a *Regia Via crucis* (1635) de Van Haeften¹⁹. Nestas obras, o Amor Divino aparece sob a forma do Menino Jesus, o qual vai conduzindo a Alma (também configurada como uma criança) pelos caminhos da perfeição (passando da via purgativa à via iluminativa e à unitiva), entendidos como a procura de uma experiência, no interior da pessoa, de uma profunda união com Deus. Curiosamente alguns destes emblemas foram depois transpostos em programas iconográficos para decorar espaços de clausura (como acontece no antigo Convento de Santa Marta em Lisboa ou no Convento

¹⁵ MORUJÃO, 1995.

¹⁶ CARVALHO, 1995.

¹⁷ ARBETETA MIRA, 1996.

¹⁸ LA ROCCA, 2007: 129-131.

¹⁹ PRAZ, 1975: 143-145.

de Santo António do Varatojo em Torres Vedras), ou salas de irmandades (como sucede na Igreja de Santa Cruz da Ribeira de Santarém)²⁰.

Pelo exposto, fica evidente que por detrás das imagens e da devoção ao Menino Jesus está um rico conteúdo teológico e espiritual que se foi desenvolvendo ao longo dos tempos. Enquanto representam a figura central dos Evangelhos, as imagens do Menino dão a contemplar a infância do Verbo encarnado e propõem a inocência infantil como caminho espiritual de retorno a Deus. Neste contexto, compreendem-se as exortações de Fr. Agostinho de Santa Maria indicando o Deus Menino como o «tesouro» da Virgem e o «tesouro» dos seus devotos, como podemos ler na notícia dedicada a Nossa Senhora das Areias, venerada no lugar de Vila Nova de Anha (Viana do Castelo), imagem que «tem ao Menino Deus em seus braços, que sustenta com ambas as mãos, como quem o oferece a todos os que a buscão, & lhes diz: Aqui tendes todos os vossos thesouros, aqui está a vossa saude, a vida, & a gloria, & tambem os bens da terra que procurais»²¹.

2. O SANTUÁRIO MARIANO E AS IMAGENS DO MENINO JESUS

Como escreve Fr. Agostinho na introdução à sua obra, entre as principais preocupações que o levaram à elaboração do *Santuário Mariano* encontra-se o conhecimento ou a história da origem das imagens da Mãe de Deus cultuadas em Portugal e seu Império na Época Moderna: «desejei com particular cuidado inquirir [...] as milagrosas Imagens desta Senhora com a sua origem, milagrosos aparecimentos, & prodigios»²². Em outras palavras, consciente que determinadas imagens marianas, mediante milagres sucedidos na sua origem ou por sua mediação, mostravam ser mais verdadeiras do que todas as outras, podendo aspirar a um culto particular, o autor declara como objetivo da sua obra recolher as histórias milagrosas das igrejas, capelas e ermidas sob invocação de Santa Maria existentes no continente, ilhas e ultramar.

Nas várias narrativas, as imagens do Menino Jesus são referidas com muita constância ao longo dos tomos do *Santuário Mariano*, porquanto constituem o principal atributo da Virgem. Na maior parte dos casos, porém, a atenção que lhes é dada não ultrapassa a mera alusão, dado o natural protagonismo conferido às imagens de Maria. Não obstante, um conjunto importante de notícias destacaram certas imagens do Menino Deus, que se tornaram significativas por múltiplos fatores, que importa agora considerar.

20 GARCÍA ARRANZ, 2018; MOITA, 2013; MONTEIRO, 1995-1999.

21 SANTA MARIA, 1712: IV, 236. *Vide*, também, SANTA MARIA, 1712: IV, 180 (notícia consagrada à imagem de Nossa Senhora da Luz do lugar de Arcozelo, Vila Nova de Gaia).

22 SANTA MARIA, 1707: I, 4 (Introdução).

2.1. IMAGENS AUTÓNOMAS DO MENINO JESUS

Fr. Agostinho dá conta da existência de imagens autónomas do Menino Jesus cultuadas nos vários santuários, conventos e ermidas que procura descrever: em certas notícias refere apenas a presença destas imagens sobre os altares, noutras narra o aparecimento milagroso destas imagens ao lado das imagens marianas. No seu conjunto, porém, a informação veiculada constitui um testemunho inestimável do culto do Menino Jesus nos lugares que menciona. Consideremos alguns exemplos:

Na notícia sobre a imagem de Nossa Senhora da Conceição que se venerava no convento dos agostinhos descalços em Montemor-o-Novo encontramos a referência a uma imagem autónoma do Menino Jesus, muito apreciada pelos monges, que teria sido trazida de Lisboa aquando da fundação daquela casa²³.

O mesmo sucedia na ermida que D. Álvaro, 3.º duque de Aveiro, mandara edificar no Convento da Arrábida (Setúbal), cujo altar principal era dedicado ao Menino Jesus, «que alli he venerado, & adorado», especialmente pelas «Duquezas, & assim ainda hoje se vem os ricos vestidos, & ornatos com que o adornavaõ»²⁴.

Num oratório privado de uma anónima mulher, provavelmente de Leiria, que apresentava dificuldades de locomoção, encontrava-se também uma imagem do Menino Jesus. Diante desta imagem terá invocado o Menino Deus pedindo-lhe a cura, a qual obteve, mais tarde, deslocando-se ao Santuário de Nossa Senhora da Encarnação, em Leiria²⁵.

Também no Santuário de Nossa Senhora da Lapa, em Sernancelhe²⁶, e na Ermida de Nossa Senhora das Colmeias, em Vila Maior (São Pedro do Sul)²⁷, veneravam-se imagens isentas do Menino Jesus. No primeiro caso (Fig. 1), o Infante, vestido com indumentária barroca, surge em atitude de abençoar, segurando na mão esquerda a esfera do mundo. Figurando o Salvador do Mundo, integra-se numa das iconografias mais difundidas da Infância de Jesus, popularizada a partir da Contrarreforma.

No segundo caso (Fig. 2), o Menino, em posição frontal, erguido por sobre o globo terrestre, ostenta um coração na mão esquerda. Enverga túnica vermelha, ricamente adornada com uma barra dourada na orla inferior, decorada com motivos de feição vegetalista em vermelho. De acordo com a lenda, a imagem terá aparecido miraculosamente, juntamente com a imagem de Nossa Senhora das Colmeias. Representando o Amor Divino, esta imagem do Menino poderá estar relacionada com uma das muitas dezenas de confrarias do Amor Divino, ligadas

²³ SANTA MARIA, 1716: VI, 120.

²⁴ SANTA MARIA, 1721: VII, 269.

²⁵ SANTA MARIA, 1711: III, 276-277.

²⁶ SANTA MARIA, 1711: III, 159. Sobre o Santuário da Lapa, *vide*, também, CARDOSO, 2007.

²⁷ SANTA MARIA, 1716: V, 482-483.

à prática da contemplação recolhida e à oração da presença de Deus, divulgadas ao longo do século XVII e primeira metade do século XVIII, ou às «escolas de oração mental» plantadas pelos missionários no interior do país neste mesmo período²⁸. Procurava-se que o coração humano se afeiçoasse ao Amor Divino figurado na imagem terna do Menino Jesus e reproduzisse em si as virtudes da simplicidade, da pureza e da docilidade, próprias da infância espiritual, havendo o devoto de deixar-se conduzir e governar por Deus como uma pequena criança.



Fig. 1. Menino Jesus à Lapa. Século XVII. Santuário de Nossa Senhora da Lapa, Sernancelhe

Fig. 2. Menino Jesus. Século XVII. Ermida de Nossa Senhora das Colmeias, Vila Maior²⁹

2.2. IMAGENS PORTÁTEIS DO MENINO JESUS

De enorme interesse constituem, também, as notícias que referem o uso de imagens amovíveis ou «portáteis» do Menino Jesus no contexto das imagens marianas, das quais se autonomizaram, a certo momento, congregando em torno a si a atenção dos crentes e favorecendo o desenvolvimento de práticas devocionais específicas.

Principiemos por evocar o exemplo do Menino Jesus, invocado como Rei Salvador, que se encontrava no Convento das dominicanas do Salvador de Alfama (Lisboa)³⁰. Nos seus começos, este Menino estava integrado na imagem de Nossa

²⁸ Sobre as Irmandades do Amor Divino e as escolas de oração mental, *vide* TAVARES, 2002: I, 179-183.

²⁹ As figuras 1, 2, 5 e 6 são da autoria de Tiago Moita, autor deste artigo.

³⁰ SANTA MARIA, 1707: I, 44-50.

Senhora dos Remédios, escultura milagrosamente descoberta por um fidalgo que andava a caçar no terreno onde depois se fundou uma ermida em memória do prodígio, a partir da qual se edificou, mais tarde, o referido convento. De acordo com Fr. Agostinho, as religiosas, «para o terem mais perto de si», teriam retirado o «milagroso Menino» dos braços da Senhora, autonomizando a devoção cristológica. Por isso, e porque «senão atrevião a viver ausentes da sua vista, pelo grande amor que lhe havião tomado; & assim para gozarem de mais perto da sua vista, o collocaraõ no coro em hum nicho, que se lhe fez de grande custo»³¹. A devoção ao Menino Jesus neste convento dominicano é ainda complementada com o testemunho da madre sóror Maria do Baptista, autora do *Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa*, redigido cerca de 1618. Segundo esta religiosa, é «notável a devoção que todas estas Religiosas lhe têm [ao Menino Jesus], e se confessam por muy obrigadas dos grandes favores que dele recebem», materializando a sua devoção tanto na manutenção permanente de uma lâmpada acesa junto da imagem no referido nicho como no transporte do Menino aos enfermos, dentro e fora do convento³².

A construção de presépios por ocasião da celebração litúrgica do Natal constituía outro momento em que o uso de imagens amovíveis do Menino Jesus se manifestava muito significativo. De facto, estas representações escultóricas da Natividade foram inicialmente estruturadas com recurso a imagens de culto, que se retiravam das imagens da Virgem e que se dispunham, depois, numa cenografia que representava o nascimento do Menino. Tal é o que se pode depreender da descrição de Fr. Agostinho a propósito da imagem de Nossa Senhora de Belém (ou do Restelo), então venerada no Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa: todos os anos, por ocasião do Natal, os monges retiravam a imagem do Menino que se encontrava pousada no colo da Senhora, colocando-a «em o Presepio (que sempre se costuma fazer naquella casa com grandeza, & aparato) com o bello Infante Jesus nas palhinhas» (Fig. 3)³³.

Das várias notícias que referem esta prática narradas por Fr. Agostinho citemos, ainda, o que diz respeito à imagem de Nossa Senhora do Presépio, venerada no Convento de Nossa Senhora dos Poderes, em Vialonga (Vila Franca de Xira), que «Neste tempo [da Natividade] a punhaõ no Presepio [a]os treze dias até [a]os Reys»³⁴. Em 1673 — continua o monge agostinho — fabricou-se nova capela para esta figura «em que a collocáraõ, & ao Soberano Menino, que fica na frontaria do coro sobre as cadeiras das Preladas, aonde se vé ao Menino Deos reclinado em

³¹ SANTA MARIA, 1707: I, 48.

³² BAPTISTA, 1618: 8.

³³ SANTA MARIA, 1707: I, 116. A imagem encontra-se, hoje, na Igreja da Conceição Velha, de Lisboa, antiga Igreja da Misericórdia.

³⁴ SANTA MARIA, 1707: I, 444.

hum braço, & a Senhora de joelhos de huma parte adorando ao divino Infante, & da outra parte o glorioso São Joseph seu Ayo»³⁵.

Esta mesma prática ocorria ainda na Igreja de Alter do Chão, em relação ao Menino Jesus que pertencia à imagem «de roca, & de vestidos» de Nossa Senhora do Rosário, «ao qual na festividade de seu Santissimo Nascimento o poem em o presépio, que naquella Igreja se faz sempre, com a perfeição que permite a terra»³⁶.

Por outro lado, a prática de beijar o Menino na noite de Natal é também mencionada por Fr. Agostinho, indicando que na Igreja de São Nicolau, em Lisboa, os membros da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês assistiam «na noyte do Nascimento de nosso Senhor Jesu Christo à Offerenda na Missa, que chamaõ do Gallo, juntos todos com os Irmãos do Santissimo Sacramento, aonde vaõ a beijar, & adorar ao Menino Deos nascido»³⁷.



Fig. 3. Nossa Senhora de Belém (ou do Restelo). Igreja da Conceição Velha, Lisboa

Fonte: © Nuno Saldanha



Fig. 4. Nossa Senhora das Maravilhas. Século XVI. Catedral Basílica de São Salvador. Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Baía

Fonte: © Claudiomar Gonçalves

A referência ao uso de imagens amovíveis do Menino Jesus no contexto da obra de Fr. Agostinho surge ainda relacionada com a prática de vestir com têxteis

³⁵ SANTA MARIA, 1707: I, 446.

³⁶ SANTA MARIA, 1716: VI, 517.

³⁷ SANTA MARIA, 1721: VII, 129.

estas esculturas. As vantagens afetivas e experienciais de vestir as imagens, traduzia-se, então, numa relação mais íntima entre estas e os devotos. Dos vários exemplos que se podem mencionar refiram-se aqueles que dizem respeito ao Menino que pertencia à imagem de Nossa Senhora dos Remédios, do lugar de Vila Boim (Elvas), o qual «se lhe tira para o vestirem»³⁸; de Nossa Senhora da Purificação, do antigo Convento de Santa Mónica, em Goa (Índia), o qual era retirado pelas religiosas «para o vestir, & adornar, & lho põem quando querem»³⁹; ou de Nossa Senhora das Maravilhas, da Sé da Baía (Brasil), que «foy fabricado nũ; ricamente obrado, & he portatil; & assim o vestem, & adornaõ de requissimos vestidos as suas devotas» (Fig. 4)⁴⁰.

A prática de vestir as imagens do Menino Jesus conduziu a que, a dada altura, algumas das esculturas marianas tenham sido alteradas, substituindo-se as imagens do Infante por outras, modernas, geralmente amovíveis, e por isso mais adaptadas às necessidades devocionais dos crentes. Neste contexto, haverá que citar o que ocorreu com as imagens de Nossa Senhora da Saúde do antigo Convento de Penha Longa (Sintra), que «Em quanto [...] se invocou com o título da Vitoria, não tinha em seus braços ao Menino Jesus, como hoje se vê ter: & este Menino he portatil; & affirmão muitos Religiosos antigos daquella casa, ser tradição, que quando se mudou o titulo antigo á Senhora, em o titulo da Saude, se lhe puzera nesse tempo o Menino em os braços»⁴¹; de Nossa Senhora da Conceição do extinto Convento de Santa Clara de Santarém, que «não tinha [...] anti-guamente o Menino Jesus em seus braços, estava com as mãos levantadas, como se costumão pintar, & fabricar de vulto as Imagens, a que poem o nome deste mysterio», mas a quem as religiosas adicionaram o Divino Infante, que fora deixado misteriosamente no convento por um anónimo forasteiro⁴²; e de Nossa Senhora do Incenso, de Penamacor (Fig. 5), imagem de



Fig. 5. Nossa Senhora do Incenso. Capela de Nossa Senhora do Incenso, Penamacor

³⁸ SANTA MARIA, 1721: VII, 605.

³⁹ SANTA MARIA, 1729: VIII, 179.

⁴⁰ SANTA MARIA, 1722: IX, 24. A imagem de Nossa Senhora das Maravilhas foi levada nas caravelas portuguesas, em 1552, por D. Pero Fernandes Sardinha, primeiro bispo da Baía, e colocada na catedral daquela cidade. Atualmente, a imagem encontra-se exposta no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Baía. Sobre a imagem de Nossa Senhora das Maravilhas, vide SANTOS, MASSIMI, 2005.

⁴¹ SANTA MARIA, 1707: II, 38.

⁴² SANTA MARIA, 1707: II, 297.

pedra policromada, que «tem sobre o braço hum Menino Jesus, que he de madeyra, & dizem os moradores daquella Villa, que antigamente era este Menino também de pedra, & que huns devotos lho furtaram, & que em seu lugar lhe puseram o que de presente tem»⁴³.

2.3. IMAGENS DESCOBERTAS OU APARECIDAS MIRACULOSAMENTE

No *Santuário Mariano* algumas narrativas destacam, e singularizam, certas imagens do Menino Jesus referindo episódios lendários (ou histórico-lendários) que relatam a sua descoberta ou o seu aparecimento de forma miraculosa. Estas lendas constituíam-se como discursos de sacralização das imagens, apontando-lhes uma origem transcendente e imbuindo de significado estes objetos de culto.

No que concerne aos relatos de descoberta de imagens do Menino haverá que referir a notícia que dá conta do achamento de uma figura isenta de Jesus Infante na freguesia de Vila Maior (São Pedro do Sul), no interior de uma penha, em conjunto com a descoberta da imagem de Nossa Senhora das Colmeias (Fig. 2)⁴⁴. Conforme narra Fr. Agostinho, após a descoberta da imagem mariana na concavidade de uma rocha por uma mulher que andava a recolher mel nas suas colmeias, «em outro penhasco pouco distante do primeyro, que se vê em hum sitio, a quem dão o nome do Carvalhinho, ao pé de hum Ribeyro, que corre também pelas costas da Capella mòr da Ermida da Senhora, aonde se vê outro nicho de altura de palmo & meyo, & de outra tanta largura, se manifestàra outra Imagem do Menino Jesus»⁴⁵.

Em rigor, o relato da descoberta das imagens de Nossa Senhora das Colmeias e do Menino Jesus configura-se como uma lenda de restauração de um culto que se acreditava temporalmente interrompido pela invasão dos árabes, reafirmando-se a sua autenticidade como objeto de culto e de devoção entre a população: «Mas devemos crer que os Christãos [...] no tempo que os Mouros se vinhão senho-reando das terras de Portugal, temerosos de que elles pudessem profanar, ou fazer alguma injuria às Sagradas Imagens, abrirão naquellas rochas aquellas concavidades, para recolherem nellas aquellas Santissimas Imagens de Jesus, & de Maria, que póde bem ser, fossem naqueles tempos tidas em grande veneração aquellas Santissimas Imagens, pelas maravilhas que a favor daquelles Christãos obraria a sua piedade»⁴⁶. Embora este tipo de leitura se encontre muito disseminado na obra de Fr. Agostinho a propósito do achamento de imagens marianas, este é o único caso que pudemos apurar para uma imagem isenta do Menino Jesus.

43 SANTA MARIA, 1711: III, 122.

44 SANTA MARIA, 1716: V, 481-485.

45 SANTA MARIA, 1716: V, 482.

46 SANTA MARIA, 1716: V, 483.

Um outro relato que merece a nossa atenção refere-se à imagem de Jesus Infante que as religiosas do Convento de Santa Clara de Santarém colocaram entre as mãos de Nossa Senhora da Conceição⁴⁷. Fr. Agostinho descreve que a imagem apareceu misteriosamente no mosteiro, deixada por um anónimo forasteiro:

Neste tempo em que andavaõ algumas com estes desejos [de colocar um Menino nos braços da Mãe], chegou certo homem desconhecido á roda, e perguntou, se por ventura quereriaõ comprar o feitio de huma Imagem do Menino Jesus; e como as Religiosas o pedissem para o ver, o entregou o homem ás rodeiras, para que o vissem; que pagas de sua fermosura perguntáraõ o que se pedia: mas já não acharão o que o trouxe, e nem depois de se fazerem todas as diligencias ouve noticia de quem elle fosse⁴⁸.

Como facilmente se compreende, a narrativa quer indicar a presença da imagem no convento escalabitano como resultante de uma doação do Alto, diferenciando-a de todas as outras imagens de culto por uma hipotética origem celeste. Significativamente, a devoção ao Menino Jesus por parte destas religiosas clarissas parece ter sido mais forte que a atenção às regras iconográficas instituídas para a representação de Maria neste passo, que estabeleciam que as suas mãos estivessem juntas e erguidas, em atitude de oração e de oferta oblativa.

2.4. IMAGENS DOTADAS DE VIDA

Em muitas ocasiões, os prodígios relatados por Fr. Agostinho em relação às imagens do Menino Jesus permitem descrevê-las com motivos que revelam características pessoais, próprias dos seres humanos, parecendo que estão vivas⁴⁹. Estas características contribuem para singularizar as imagens, projetando sobre elas uma distinção, separando-as da material condição de escultura (ou de «imagem-objeto»). Permitem também redefinir o seu culto a partir de uma categoria de constituição do sagrado, a de «imagem-pessoa», que vê nelas uma presença e manifestação do protótipo celeste, possibilitando aos crentes o estabelecimento de relações interpessoais com as referidas imagens⁵⁰.

⁴⁷ SANTA MARIA, 1707: II, 297-298.

⁴⁸ SANTA MARIA, 1707: II, 297.

⁴⁹ É abundante a bibliografia relativa à categoria de «imagem vivente» usada para descrever as imagens ditas milagrosas — sobretudo, imagens de Cristo Crucificado e da Virgem Maria —, no largo tempo da Idade Média e da Época Moderna. Assim, e não sendo possível apurar a existência de qualquer investigação aplicando a referida categoria às imagens do Menino Jesus, permitimo-nos sublinhar apenas alguns dos estudos (por ordem alfabética) considerados mais significativos, tendo em conta as imagens viventes de Maria, «lugar» por excelência onde as imagens do Divino Infante se manifestaram investidas pelo seu protótipo: GARCÍA AVILÉS, 2011; GARNETT, ROSSER, 2013; SAND, 2010; SANSTERRE, 2011, 2013, 2015; VAUCHEZ, 1992.

⁵⁰ Sobre o conceito de «imagem-pessoa» aplicado às imagens animadas, vide VELASCO, 2000.

Entre os diferentes motivos pessoais que caracterizam algumas das imagens do Menino Jesus nas lendas recolhidas por Fr. Agostinho, refiram-se os seguintes:

— *Capacidade de comunicação*: alguns relatos incluem como motivo as mensagens verbais que a imagem do Divino Infante dirigia aos seus devotos, manifestando-lhes a sua vontade, como se observa, por exemplo, no relato da imagem de Nossa Senhora de Belém do extinto Convento de Santa Clara de Lisboa, em que o Menino falava habitualmente com uma religiosa de grande virtude⁵¹; ou na notícia sobre a imagem de Nossa Senhora do Amparo (pintura) do Convento das Flamengas de Alcântara de Lisboa, na qual o Menino revela às religiosas a sua vontade de que edifiquem casa monástica naquele lugar⁵².

— *Expressividade*: de uma imagem se refere mudanças no rosto, como ocorreu com a imagem do Menino que formava conjunto iconográfico com a escultura de Nossa Senhora do Presépio, venerada no Convento das clarissas de Vialonga (Vila Franca de Xira), afirmando as religiosas que «o Menino, que era o Esposo das professoras, & Imagem de rara perfeição, estava humas vezes roxo, outras córado, & outras desmayado: & que destas mudanças, ou do suar, lhe ficáráo algumas manchas, que ainda perseveravaõ em o seu corposinho»⁵³. Em outro relato refere-se a capacidade da imagem de Jesus Infante inclinar o rosto e o dirigir em direção às suas devotas para lhes mostrar afeição, situação que se verificou com a imagem do Menino Jesus que estava nos braços de Nossa Senhora Madre de Deus do Convento de Santa Mónica, em Goa (Índia), o qual terá virado «todo com o rosto para as suas Esposas, as Religiosas daquelle Convento: & a maõ com que estava dando a benção, se estendeo bastantemente»⁵⁴.

— *Crescimento «físico»*: algumas lendas relatam que as imagens do Menino Jesus cresceram «físicamente», a tal ponto que as roupas lhes deixaram de servir, havendo necessidade de as colocar de pé, ao lado da Virgem, quando outrora se viam ao colo da Mãe. Estas circunstâncias ocorreram com a imagem do Menino Salvador do Mundo que pertence ao conjunto iconográfico de Nossa Senhora do Castelo de Coruche (Fig. 6)⁵⁵. A atual localização do Menino, à direita da Virgem e de pé, ao contrário do que seria expectável, e mais comum, ao colo da Mãe, é explicada pelo facto de que o «Menino estivera em algum tempo em os braços da Senhora, porém que crescera, [...], desorte, que por essa causa o não puzeraõ

51 SANTA MARIA, 1707: I, 163.

52 SANTA MARIA, 1707: I, 404.

53 SANTA MARIA, 1707: I, 445.

54 SANTA MARIA, 1720: VIII, 177.

55 Sobre a imagem de Nossa Senhora do Castelo de Coruche, e o seu culto ao longo dos séculos, vide CORREIA, coord., 2016.

mais nos braços da Senhora, por ficar com grande improporção pela sua grandeza. Para justificação do seu milagroso aumento, mostraõ os primeyros vestidos, que lhe são já tão curtos, que lhe não servem»⁵⁶.

— *Sangrar ou receber hematomas*: em diversos relatos refere-se que as imagens do Menino Jesus se feriram e sangraram, ou ficaram marcadas com hematomas, por ocasião de fratura de alguns dos seus constituintes ou decorrente de alguma queda. Refira-se, a este propósito, o que ocorreu com o Menino que está sentado ao colo de Nossa Senhora do Paraíso, imagem que se venerava no Convento das dominicanas de Évora (hoje, no Museu de Arte Sacra da Catedral de Évora), «que por descuydo, ou desatento de quem a tinha a seu cargo, succedeo que se lhe quebrasse hum dedo ao Menino Jesus que tem em seus braços, do qual correo sangue, e de que ficou o sinal (por memoria) na mão da Senhora» (Fig. 7)⁵⁷; ou o que sucedeu com o Menino que estava colocado nos braços de Nossa Senhora da Conceição, no Convento das clarissas de Santarém, o qual «cahindo por descuydo de quem lho não soube segurar bem nellas, lhe ficarão da queda huas pizaduras negras, que lhe durarão por muytos tempos»⁵⁸.



Fig. 6. Nossa Senhora do Castelo. Ermida de Nossa Senhora do Castelo, Coruche

Fig. 7. Nossa Senhora do Paraíso, marfim, século XIV. Museu de Arte Sacra da Catedral de Évora

Fonte: © Museu de Arte Sacra da Catedral de Évora

⁵⁶ SANTA MARIA, 1716: VI, 338.

⁵⁷ SANTA MARIA, 1716: VI, 22.

⁵⁸ SANTA MARIA, 1707: II, 297.

— *Resistência à destruição*: as lendas relatam como as imagens ficaram indemnes depois de incêndios ou tentativas de destruição levadas a cabo por hereges e profanadores. Estes prodígios ocorreram com as imagens de Nossa Senhora do Rosário do Convento dos agostinhos descalços em Mascate (Goa), que «sendo tão barbaramente arrojadas [com a imagem do Menino] no fogo [por ocasião de um assalto à praça portuguesa daquela cidade, levada a cabo pelos árabes no ano de 1647], nenhuma dellas padeceo lezão, ou mau tratamento algum»⁵⁹; e de Nossa Senhora das Maravilhas, venerada na Sé da Baía (Brasil), a quem foi furtado o Menino que tinha nos braços «por huma sacrílega, & cruel mão, o que succedeo poucos annos da fua collocação naquella Capella, que foy no anno de 1642» (Fig. 4)⁶⁰. De acordo com a lenda, a imagem terá sido depois do furto dividida em pedaços que foram espalhados por «lugares immundos daquella mesma Cidade», os quais foram descobertos «mysteriosa, & miraculosamente» e «depois se unirão, & se mandou novamente encarnar esta Santissima Imagem, com toda a perfeição, & a collocarão em os braços de sua Santissima May, a Senhora das Maravilhas»⁶¹.

Os relatos aqui evocados constituem discursos de sacralização das imagens do Menino Jesus, destacando-as do conjunto profuso de imagens religiosas com esta mesma invocação que se encontravam nos templos. Em alguns casos, é possível que o recurso a este tipo de lendas apelando ao sobrenatural tenha em vista justificar a substituição, a dada altura, de certas imagens do Menino por outras de maiores dimensões, como pensamos poder ter ocorrido com os Meninos que se veneravam com as imagens de Nossa Senhora do Castelo de Coruche e de Nossa Senhora Madre de Deus do Convento de Santa Mónica em Goa.

Em outros casos, porém, é possível que os relatos procurem justificar determinadas fraturas e perdas de material escultórico ou a presença de certas manchas de humidade visíveis na estrutura das imagens, como parece ter sucedido com os Meninos que se veneravam com as imagens de Nossa Senhora da Conceição do Convento das clarissas de Santarém e de Nossa Senhora do Paraíso do Convento das dominicanas de Évora.

Em outros casos, ainda, as lendas apresentam um elemento moralizador muito forte, pretendendo confundir os iconoclastas que as queriam destruir, como se observa nas histórias das imagens de Nossa Senhora do Rosário de Mascate e de Nossa Senhora das Maravilhas da Sé da Baía, territórios onde o confronto com o «outro» se afigurava significativo.

Para além das lendas que fomos referindo, importa sublinhar, também, aquelas que evidenciaram a vivificação de imagens do Menino Jesus em grau

⁵⁹ SANTA MARIA, 1720: VIII, 145-146.

⁶⁰ SANTA MARIA, 1722: IX, 24.

⁶¹ SANTA MARIA, 1722: IX, 24-25.

máximo, assinalando-se a ação da personagem celestial em e sobre a sua representação de forma absoluta e uma certa identificação (ainda que temporária) entre o modelo e a imagem. Este tipo de vivificação plena de imagens do Menino Jesus encontra-se registado por Fr. Agostinho em três lendas formadas em casas conventuais, todas mendicantes, situadas em Santarém e Vila do Conde. A presença de motivos comuns entre as lendas revela a circulação de certas narrativas entre os vários conventos, que se adaptaram em cada lugar por forma a explicar acontecimentos (quase sempre dolorosos) vivenciados.

Em Santarém, o mais célebre prodígio de vivificação de uma imagem do Menino Jesus ocorreu no convento dominicano da vila, no ano de 1240⁶². De acordo com a lenda, quando Fr. Bernardo de Morlans, religioso neste convento, era responsável por uma escola de crianças existente na casa, encontrando-se os pequenos em uma ocasião junto ao altar de Nossa Senhora do Rosário dirigiram-se ao Menino Jesus para o convidar a sair do colo de sua Mãe e partilhar com eles a merenda. Face ao pedido, o Divino Infante «honrou tão santa sinceridade baixando dos braços da Mãe Santíssima, não só esta vez, mas outras muitas a comer com elles, voltando em continente ao seu primeyro lugar». Do que se passava teve Fr. Bernardo conhecimento, indicando às crianças que fizessem o pedido ao Menino Jesus de um dia merendarem, juntamente com o seu mestre, na casa do Pai Celeste. O Divino Menino acedeu ao pedido, e na festa da quinta-feira da Ascensão no ano referido, depois de celebrada a Eucaristia, estando os três na capela habitual, recebeu Deus a sua alma. Desde então, os religiosos guardaram memória de tal milagre, fazendo a sua sepultura na mesma capela dos acontecimentos, «à sombra do mesmo Senhor Menino», cuja imagem foi autonomizada da de sua Mãe e colocada «em cima em hum nicho fechado à chave». Este episódio, que ficou conhecido como «Lenda dos Meninos do Alfange»⁶³, encontra-se eternizado em pintura de finais do século XIX ou inícios do século XX, conservada no Museu Diocesano de Santarém (Fig. 8).



Fig. 8. «Lenda dos Meninos do Alfange». Oficina regional. Século XIX-Século XX. Seminário de Santarém (Fundo Antigo)
Fonte: © João Nunes da Silva — Museu Diocesano de Santarém

⁶² SANTA MARIA, 1707: II, 278-281.

⁶³ Sobre a «Lenda dos Meninos do Alfange», vide VASCONCELOS, 1740: II, 62; e ainda o estudo de Mário Martins: MARTINS, 1969.

Também no Convento de Santa Clara de Vila do Conde se regista um episódio análogo de animação de imagem do Menino Jesus, conhecido como «Lenda da Menina do Merendeiro»⁶⁴. Conforme o relato, havia naquele convento uma menina muito devota do Menino Jesus que pertencia à imagem de Nossa Senhora da Graça existente naquela casa. A menina passava muito tempo em oração diante da imagem, e quando se cansava sentava-se perto do altar e ali fazia a sua merenda, convidando o Menino a juntar-se a ela. Um dia o Menino acedeu ao pedido, «desceo dos braços da Mãe, & se veio assentar com ella, mostrandolhe se pagava muyto da sua oferta, & fazia também que comia». Depois, passado pouco tempo, «quiz aquelle Senhor pagar a devoção, & as ofertas à devota menina, dandolhe também huma perpetua merenda; porque a levou para a sua gloria».

Por fim, e embora relatando o caso de animação de uma imagem da Virgem Maria, refira-se outro episódio com raízes escalabitanas que testemunha a devoção a uma imagem do Menino Jesus por parte de uma criança que lhe costumava oferecer a sua merenda. De acordo com a lenda, uma mulher nobre e rica, devota de Santa Clara de Assis, teria prometido uma das suas três filhas para religiosa daquela ordem, deixando entrar no Convento de Santarém a filha mais nova, com a idade de 3 anos⁶⁵. A menina cresceu em virtude e devoção, educada por uma tia, também religiosa naquela casa, apegando-se muito ao Menino Jesus que havia sido colocado na imagem de Nossa Senhora da Conceição, depois de aparecido milagrosamente no mosteiro⁶⁶. A menina ia frequentemente merendar junto da imagem do Menino, convidando-o muitas vezes a juntar-se a ela. Dada a insistência dos pedidos, Nossa Senhora lhe falou um dia «pela boca da sua Imagem»: «Filha, queres tu merendar em casa deste Menino, pois tantas vezes o convidas?». Como a menina anuiu ao convite, três dias depois foi «merendar na gloria com o seu rico Menino, & doce Esposo das almas puras», partindo com a idade de 6 anos, em 1512.

As lendas que aqui referimos projetam sobre as imagens a capacidade de serem vivificadas e ativadas pelo ente divino que representam. Embora puramente materiais, elas revelam-se dotadas de uma potência assombrosa de movimento e de vida, expressando claramente a sua relação com o sagrado. Do ponto de vista antropológico, porém, não é difícil de entender a força consoladora destas histórias, compensando a dor pela perda prematura de crianças com a ideia da sua partida para junto de Jesus Menino, com quem haveriam de permanecer para sempre, em comunhão eterna na Casa do Pai.

⁶⁴ SANTA MARIA, 1712: IV, 45-47.

⁶⁵ SANTA MARIA, 1707: II, 297-298.

⁶⁶ Como relatámos no ponto 2.3 deste artigo.

2.5. IMAGENS QUE PROTEGEM E CURAM

No *Santuário Mariano*, as imagens do Menino Jesus não são somente objetos de contemplação e de afetos; elas também protegem e curam, operando milagres. Neste contexto, valerá a pena evocar aquelas imagens do Menino Deus que adquiriram um poder taumatúrgico autónomo e às quais se recorria em momentos de especial necessidade para obter consolo e salvação.

Consideremos, em primeiro lugar, aquelas imagens do Menino Jesus que ganharam reputação de serem capazes de tornar férteis as mulheres que não conseguiam gerar filhos. Num período em que os principais papéis atribuídos à mulher, independentemente do seu estatuto ou fortuna, eram o de procriar, cuidar, e educar os filhos, e em que ter um elevado número de filhos era necessário para assegurar a continuidade da linhagem, a pressão por gerar descendentes era motivo de grande preocupação no sexo feminino. Não admira, por isso, que algumas mulheres recorressem à intercessão da Virgem ou do Menino Jesus para obter a graça da maternidade. De acordo com Fr. Agostinho, em casos extremos as mulheres chegavam a furtar as imagens do Menino de entre os braços de sua Mãe, num reforço persuasivo projetado sobre a Senhora, prometendo-lhe a devolução do Infante apenas quando a Virgem atendesse os seus pedidos.

Neste enquadramento, registre-se também o que sucedia com a imagem de Nossa Senhora de Belém (ou do Restelo), então venerada no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa (Fig. 3). Diante desta imagem rezavam as «Senhoras da Corte, que com muyta frequêcia a visitaõ; que não he pouco, em tempo que ha tanta falta de devoção»; nas suas orações «Vaõ a pedirlhe filhos, para segurarem a successão de suas casas, & a este respeito furtaõ à Senhora o Santissimo Menino, que tem nos braços; porque muytas vezes he visto sem elle». A imagem possuía muitos vestidos, «ricos, & preciosos, que lhe offerecêraõ as Rainhas, & Princesas», ao mesmo tempo que as senhoras da corte lhe ofereciam «as galas preciosas de seus desposórios»⁶⁷.

Para além dos problemas ligados à fertilidade, as doenças constituíam outro dos motivos que levavam os devotos a recorrerem às imagens do Menino Jesus. Para a maioria das pessoas o corpo humano era um campo onde forças invisíveis opostas se digladiavam em luta permanente, ameaçando perturbar o seu equilíbrio. Por isso era preciso recorrer a meios sobrenaturais para manter a saúde ou para a voltar a adquirir. Neste contexto, o transporte de imagens do Menino Jesus aos enfermos, a modo de relíquias, para obter cura e proteção, constituía uma prática comum.

Por exemplo, o Menino que pertencia à imagem de Nossa Senhora da Saúde, venerada no Convento de Santa Catarina da Ordem Terceira de São Francisco em

⁶⁷ SANTA MARIA, 1707: I, 116.

Santarém, «quasi sempre anda[va] pelas casas dos enfermos, que experimentaõ milagrosa saude com as suas visitas»⁶⁸. O mesmo sucedia com o Menino que estava nos braços de Nossa Senhora do Monforte, na freguesia do Colmeal (Figueira de Castelo Rodrigo), «ao qual tiraõ delles cada vez que querem, & sem duvida para o levarem aos enfermos, com cujas visitas saõ recreados, & livres de todos os seus achaques»⁶⁹. Por seu lado, no Convento de Nossa Senhora do Paraíso, em Évora, regista-se a fratura de um dedo pertencente ao Menino Jesus que está ao colo da imagem da Virgem, «do qual correu sangue [...]. Este dedo levavaõ aos enfermos, que com muyta fé o pedião, experimentando se muytas maravilhas, & tantas vezes o fizeraõ, até que desapareceo, ou o furtáraõ» (Fig. 7)⁷⁰.

Embora Fr. Agostinho não o refira, sabemos que o Divino Infante que pertencia à imagem de Nossa Senhora dos Remédios, venerada no Convento do Salvador, em Alfama (Lisboa), era conduzido aos doentes para obtenção da cura, pois, de acordo com o testemunho de madre sóror Maria do Baptista, «Muitas pessoas mandão buscar este sancto Minino em suas doenças, & trabalhos; & querem alguns dizer, que logo as desengana da merce que lhes ha de fazer; porque se o doente, a quem o levão, ha de sarar, logo sente em si sinais de grãde melhoria, mas se nosso Senhor he servido que morra daquella doença, logo começa a acharse peor»⁷¹. Neste caso, a presença da imagem junto ao enfermo, e os resultados que imediatamente produzia no doente, tinha um efeito premonitório em relação à sua completa recuperação.

A prática de furtar imagens do Menino Jesus por parte de devotos, num excesso de fervor religioso, como se verificou a propósito das mencionadas imagens de Nossa Senhora de Belém e de Nossa Senhora do Paraíso, encontra no *Santuário Mariano* outros casos semelhantes que devem ser referidos. Entre os exemplos, veja-se o que ocorreu com a imagem de Nossa Senhora do Incenso, venerada em Penamacor (Fig. 5). Embora de pedra, «Tem sobre o braço hum Menino Jesus, que he de madeyra, & dizem os moradores daquella Villa, que antigamente era este Menino tambem de pedra, & que huns devotos lho furtáraõ, & que em seu lugar lhe puzeraõ o que de presente tem»⁷².

Também o Menino Jesus que pertencia à imagem de Nossa Senhora das Maravilhas da Catedral da Baía (Brasil) (Fig. 4)⁷³ foi objeto de furto, como indicámos anteriormente. De acordo com a lenda, a imagem da Senhora foi profanada no ano de 1624, tendo sido arrancada, e furtada, dos seus braços a imagem do

⁶⁸ SANTA MARIA, 1707: II, 294.

⁶⁹ SANTA MARIA, 1711: III, 170. Atualmente a imagem encontra-se na igreja do lugar de Bizarrio, freguesia do Colmeal.

⁷⁰ SANTA MARIA, 1716: VI, 22.

⁷¹ BAPTISTA, 1618: 8-9.

⁷² SANTA MARIA, 1711: III, 122.

⁷³ SANTA MARIA, 1722: IX, 22-25.

Menino. Este foi depois despedaçado e as suas partes espalhadas por diversos lugares da cidade de Salvador. As partes destroçadas da imagem do Menino foram sendo encontradas aos poucos, até que a última delas — uma perna — foi descoberta, de forma prodigiosa, por uma mulher negra que buscava lenha para o fogo: ao atirar o pedaço do destroço para o lume, o mesmo sempre voltava para as suas mãos. Percebendo do que se tratava, a mulher levou a peça até a igreja da Sé e a imagem do Menino foi reparada e restituída à sua origem. Deste então, a representação do Menino ganhou fama de miraculosa: «Por esta Santíssima Imagem daquelle bello menino obra o mesmo Senhor, de quem he Imagem, muytos, & grandes prodigios, & milagres».

Os exemplos respigados mostram como a capacidade de operar milagres e de mostrar vivo o protótipo sobrenatural transformou algumas imagens do Menino Jesus em «embaixadores» da figura divina representada. As imagens eram mais do que a representação do protótipo, pois acreditava-se que a presença divina nelas se manifestava tomando partido em favor de quem as tivesse sob proteção. Em suma, a ambiguidade própria do apotropaico está presente nas imagens consideradas, sendo-lhes adjudicados usos que variam entre a sua utilização como veículo de encontro com o sagrado ou como talismã protetor⁷⁴.

CONCLUSÃO

Os testemunhos recolhidos no *Santuário Mariano* de Fr. Agostinho de Santa Maria sobre o culto ao Menino Jesus permitiram-nos verificar a ocorrência de um exercício de singularização de certas imagens do Menino Deus face às imagens de sua Mãe por parte dos devotos. Estruturalmente amovíveis, algumas imagens do Menino foram sendo retiradas do seu conjunto iconográfico original (por ocasião do Natal, para montar presépios, ou para as vestir ou transportar junto de doentes, por exemplo), recaindo sobre elas um conjunto de práticas que demonstravam a estreita relação que os crentes mantinham com esta devoção. Em certo sentido, o fenómeno possibilitou o desenvolvimento de uma «devoção (ao Menino) dentro da devoção (mariana)».

Neste enquadramento, o tratamento especial dado ao Menino Jesus no contexto das imagens marianas descritas por Fr. Agostinho constitui na maioria dos casos uma replicação das práticas devocionais que se aplicavam às imagens da Virgem. Porém, identificam-se outros casos (por exemplo, Nossa Senhora das Maravilhas da Sé da Bahia) em que a devoção dos fiéis dirige-se especialmente ao

⁷⁴ Para uma exposição mais ampla deste tipo de utilizações da imagem como objeto apotropaico, vide BELTING, 2009: cap. 4; RIGAUX, 1996; SANSTERRE, 2011.

Menino, sendo a sua vivificação ou capacidade de operar milagres a razão da singularização das imagens marianas que o contextualizam.

É visível também que o conteúdo teológico e doutrinal das imagens do Menino foi tão significativo como a função que desempenharam no interior das comunidades e igrejas. Presentes nas celas, nos coros ou nos claustros, as imagens de Jesus Menino assumiram um papel importante no quotidiano cenobítico, originando abundantes e ricos enxovais, compostos por vestes, que as religiosas ternamente lhes colocavam (um uso que ainda se pratica em alguns conventos de clausura, nomeadamente, nas carmelitas descalças). Para estes Meninos projetava-se um sentido de vida, modelado a partir das virtudes da infância.

As lendas recolhidas por Fr. Agostinho destacam a descoberta miraculosa de algumas das imagens do Menino, atestando a origem divina destas esculturas, ou referem a sua capacidade de vivificação e ativação pelo protótipo celeste, tornando-as viventes ou como viventes. Paradoxalmente, as imagens manifestam a sua potencial relação com o divino deixando-se assimilar ao ser humano, pois movem-se, expressam sentimentos, experimentam a dor, sentem emoções.

As várias narrativas demonstram ainda que algumas destas imagens, pela sua especial relação com o protótipo, eram acreditadas como dotadas de um poder milagroso. A elas acorriam mulheres que desejavam ser mães, ou doentes e moribundos que esperavam obter do Menino a cura de seus males. Em algumas ocasiões, regista-se o furto destas imagens por parte dos devotos por forma a persuadir o protótipo celeste a conceder os dons que eram solicitados. Em suma, a animação milagrosa das imagens e a sua capacidade de operar milagres atribuía a estes Meninos uma singular virtude e sacralidade, tornando patente que a sua veneração não era dirigida imediatamente a objetos inanimados, mas que, através deles, se adorava o protótipo sagrado que neles se representava.

FONTES IMPRESSAS

BAPTISTA, Maria do (1618). *Livro da Fundação do Mosteiro do Salvador da Cidade de Lisboa, e de alguns casos dignos de memoria, que nelle acontecerão*. Lisboa: Por Pedro Crasbeeck.

CARDOSO, Jorge (1652-1666). *Agiologio Lvsitano dos sanctos, e varoens illvstres em virtvde do reino de Portvgal, e svas conquistas*. Tomo I. Lisboa: Na Officina Craesbeekiana; Tomo II. Lisboa: Na Officina de Henrique Valente d'Oliveira; Tomo III: Na Officina de Antonio Craesbeeck de Melli, Impressor de Sva Alteza. 3 vols.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de (1707-1723). *Santuário Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora [...]*. Lisboa: Na Officina de Antonio Pedrozo Galram. 10 vols.

VASCONCELOS, Padre Inácio da Piedade e (1740). *História de Santarém Edificada*. Lisboa Occidental: [s.n.]. 2 vols.

BIBLIOGRAFIA

- ARBETETA MIRA, Letizia (1996). *Vida y Arte en las clausuras madrileñas. El ciclo de la Navidad*. Madrid: Ayuntamiento de Madrid.
- AZEVEDO, Carlos A. Moreira (2021). *Santa Maria: Teologia, Arte e Culto em Portugal. Contributo do “Santuário Mariano”*. Lisboa: Imprimatur.
- BELTING, Hans (2009). *Imagen y culto: Una historia de la imagen anterior a la edad del arte*. Madrid: Ediciones Akal S.A.
- CARDOSO, Arnaldo Pinto (2007). *Santuário da Lapa — História e Tradição*. Lisboa: Alêtheia Editores.
- CARVALHO, José Adriano de F. (1995). *As lágrimas e as setas. Os Pia Desideria de Herman Hugo, S. J. em Portugal*. «Via Spiritus. Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso». 2, 169-201.
- CORREIA, Ana Maria, coord. (2016). *500 anos: Procissão em Honra de Nossa Senhora (Coruche)*. Coruche: Câmara Municipal de Coruche; Museu Municipal.
- DOLZ, Michele (2010). *Aportes para una historia de la devoción al Niño Jesús en los siglos XVI y XVII*. In RAMOS SOSA, Rafael, coord. *Actas del coloquio internacional El Niño Jesús y la infancia en las artes plásticas, siglos XV al XVII. IV centenario del Niño Jesús del sagrario, 1606-2006*. Sevilla: Archicofradía del Santísimo Sacramento del Sagrario de la Catedral de Sevilla, pp. 105-128.
- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia (2018). *Imagens e Devoções Marianas na Época Moderna. O testemunho do Santuário Mariano (1707-1723) de Fr. Agostinho de Santa Maria, OSA*. In MARQUES, Maria Alegria; OSSWALD, Helena, coord. *Devoções e Sensibilidades Marianas: da memória de Cister ao Portugal de hoje. XIII Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões. 5 e 6 de maio de 2017*. São Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, pp. 47-72.
- FORTUNA, Elisa (1982). *Imagens vestidas do Menino Jesus: séculos XVI, XVII e XVIII*. «Brigantina: Revista de Cultura». 2:2-3, 315-332.
- GARCÍA ARRANZ, José Julio (2018). *El programa emblemático en azulejos de la sacristía del convento de Santo António de Varatojo (Torres Vedras, Portugal)*. «De Arte. Revista de Historia del Arte». 17, 77-94.
- GARCÍA AVILÉS, Alejandro (2011). *‘Este rey tenno que enos ídolos cree’: imágenes milagrosas en las Cantigas de Santa María*. In FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Laura; RUIZ SOUZA, Juan Carlos, eds. *Alfonso X el Sabio 1221-1284. Las Cantigas de Santa María. Códice Rico, Ms. T-1-1 Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial*. Madrid: Patrimonio Nacional-Testimonio Compañía Editorial, pp. 523-559. Vol. II. *Estudios varios*.
- GARNETT, Jane; ROSSER, Gervase (2013). *Spectacular Miracles. Transforming Images in Italy from the Renaissance to the Present*. Londres: Reaktion Books.
- GONÇALVES, Flávio (1967). *O vestuário mundano de algumas imagens do Menino Jesus*. «Revista de Etnografia». IX:1, 5-34.
- GRABAR, André (2009). *Les voies de la création en iconographie chrétienne*. Paris: Flammarion.
- LA ROCCA, Sandra (2007). *L’Enfant Jésus. Histoire et anthropologie d’une dévotion dans l’Occident chrétien*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.
- MARQUES, João Francisco (2000). *Oração e devoções*. In AZEVEDO, Carlos A. Moreira, dir. *História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 2, pp. 603-676.
- MARTINS, Mário (1969). *Os «Santos Meninos de Santarém» e os livros de milagres de Nossa Senhora*. In MARTINS, Mário. *Estudos de Cultura Medieval*. Lisboa: Editorial Verbo, vol. I, pp. 237-253.

- MENDES, Paula Almeida (2018). *A devoção mariana na vida religiosa feminina: textos e práticas no Portugal de Seiscentos e de Setecentos*. In MARQUES, Maria Alegria; OSSWALD, Helena, coord. *Devoções e Sensibilidades Marianas: da memória de Cister ao Portugal de hoje. XIII Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões. 5 e 6 de maio de 2017*. São Cristóvão de Lafões: Associação dos Amigos do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, pp. 73-100.
- MOITA, Tiago (2013). *Os azulejos do Mestre P.M.P. na sacristia da Igreja de Santa Cruz da Ribeira de Santarém: um itinerário místico e eucarístico*. In CÂMARA, Alexandra Gago da; SALDANHA, Sandra, coord. *Sacrae Imagines. Ciclos de Iconografia Cristã na Azulejaria*. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, pp. 179-188.
- MOITA, Tiago (2022). *Imagens e devoções marianas no território da diocese de Santarém a partir do Santuário Mariano de Fr. Agostinho de Santa Maria (1707-1723)*. «Mátria XXI. Revista do Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão». 11, 47-91.
- MONTEIRO, João Pedro (1995-1999). *Os 'Pia desideria', uma fonte iconográfica da azulejaria portuguesa do século XVIII*. «Azulejo». 3/7, 61-70.
- MORUJÃO, Isabel (1995). *As lágrimas do Menino Jesus: entre a doutrina e a poesia*. «Via Spiritus. Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso». 2, 131-167.
- PINHARANDA GOMES, J. (2006). *Introdução*. In SANTA MARIA, Fr. Agostinho de. *Santuário Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora [...]*. Alcalá: Imperitura-Alcalá, tomo I, pp. V-XLVI. Edição Fac-Símile.
- PRAZ, Mario (1975). *Studies in seventeenth-century imagery*. Roma: Edizioni di storia e letteratura.
- RIGAUX, Dominique (1996). *Réflexions sur les usages apotropaiques de l'image peinte. Autour de quelques peintures murales novaraises du Quattrocento*. In BASCHET, Jérôme; SCHMITT, Jean-Claude, dir. *L'Image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*. Paris: Le Léopard d'or, pp. 155-177. (Cahiers du Léopard d'or; 5).
- SAND, Alexa (2010). *Vindictive Virgins: animate images and theories of art in some thirteenth-century miracle stories*. «Word & Image». 26, 150-159.
- SANSTERRE, Jean-Marie (2011). *Sacralité et pouvoir thaumaturgique des statues mariales (xe siècle — première moitié du XIIIe siècle)*. «Revue Mabillon». 83, 53-77.
- SANSTERRE, Jean-Marie (2013). *La imagen activada por su prototipo celestial: milagros occidentales anteriores a mediados del siglo XIII*. «Codex Aquilarensis». 29, 77-98.
- SANSTERRE, Jean-Marie (2015). *Vivantes ou comme vivantes: l'animation miraculeuse d'images de la Vierge entre Moyen Âge et époque moderne*. «Revue de l'histoire des religions». 232:2, 155-182.
- SANTOS, José Eduardo Ferreira dos; MASSIMI, Marina (2005). *Nossa Senhora das Maravilhas: corpo e alma de uma imagem*. «Revista Memorandum». 8, 116-129.
- TAVARES, Pedro Vilas Boas (2002). *Beatas, inquisidores e teólogos. Reacção portuguesa a Miguel de Molinos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de doutoramento.
- VAUCHEZ, André (1992). *L'image vivante: quelques réflexions sur les fonctions des représentations iconographiques dans le domaine religieux en Occident aux derniers siècles du Moyen Âge*. In AYMARD, Maurice et al. *Pauvres et riches. Société et Culture du Moyen-Age aux Temps Modernes. Mélanges offerts à Bronislaw Geremek à l'occasion de son soixantième anniversaire*. Varsóvia: Wydawn Nauk, pp. 231-240.
- VELASCO, Honorio M. (2000). *Las leyendas de hallazgo y de singularización de imágenes marianas en España. II. Una aproximación a la categoría de imagen-persona*. In CRUZ, David González, ed. *Religiosidad y costumbres populares en Iberoamérica*. Huelva: Universidad de Huelva, pp. 89-101.